

O sumiço da mulher-folha: experiências de encantaria na Caatinga de Chorrochó-Ba.Valter Hugo Santos de Miranda¹**Introdução**

Este trabalho emerge dos meus diários de campo e de memórias que darão corpo ao meu trabalho monográfico. É, portanto, fruto de uma imersão na história de minha família e das nossas relações com o lugar, com a caatinga, com as pessoas, os finados, os animais, as águas, os bichos e animais, os alimentos, as múltiplas espécies e a encantaria que envolve tudo isso. Aqui em Caraíbas, Chorrochó-BA, tenho a impressão de que tudo pode se encantar ou ser encantado, dessa forma escolho contar a história de minha avó inspirado no conceito de biointeração, Nego Bispo (2015), tomando como fio condutor a encantaria que permeia nossas relações multiespécie e mais que humanas. Nesse texto, as suas entidades, bem como os finados, espíritos e encantados dessas terras, são peças fundamentais para visualizar a paisagem que compomos pois, são eles que desenham e dão sentido ao curso das nossas vidas.

Para trançar os dados etnográficos que aqui aparecem, uso como estratégia metodológica o encantamento. Me encantar junto àquele lugar e à trajetória de minha família me levam a pensar tal processo de maneira diferente do modo como a literatura afroindígena costuma compreender a ideia. Encantamento aqui é um modo de habitação, que não se limita a eventos nas narrativas biográficas das entidades e espíritos.

O texto que segue tem três subseções. Primeiro, me debruço sobre o processo de desaparecimento de Mãe Tété. Depois, a apresento a partir das relações pessoais, mais que humanas e multiespécies, para caracterizar melhor a vida em Caraíbas e a forma como lidamos com os fins passageiros. Por fim, narro situações em que o ato de virar bicho foi, por hora, evitado. Até que ocorreu. Além disso, adorno esse trançar com ilustrações no corpo do texto,

¹Licenciando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. <hvalter04@gmail.com>.

10ª ReACT

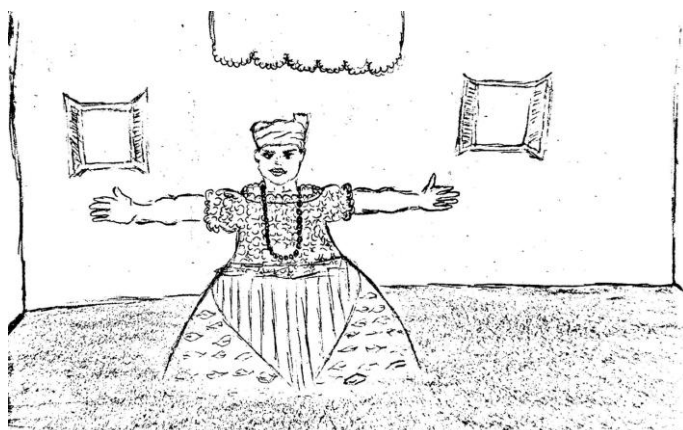
REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

de modo que essas não são necessariamente legendadas pelos escritos, mas uma passagem que conecta uma subseção à outra, ou um recurso para que o leitor enxergue as situações e as passagens de maneira encantada.



Ainda na pandemia da COVID-19, sob alguns processos de adoecimento da cabeça, estávamos num barracão de Candomblé² onde o chão de cimento queimado corava azul escuro, cheio de gente. Estávamos em festa. Eu, de cabeça baixa, enxergava apenas o chão, as pernas de uma cadeira de madeira escura onde eu estava sentado com minhas vestes brancas alvas, um sapato de couro branco e um *adjá*³ prateado na minha mão. Poucos metros à frente das minhas vistas baixas, algumas barras de saias giravam lentamente, numa roda de candomblé que acontecia, quando repentinamente uma das barras das saias se aproximou do *pepelê*⁴, onde eu estava.

Quando levantei a cabeça, era Mãe Tété, a mulher-folha, de braços abertos para me abraçar, como quem estava contente com a minha presença. Dizia “*Oxaguiã, meu filho!*” como

²O barracão é um espaço também chamado de salão onde ocorrem os chamados Xirês ou festas em homenagem às divindades africanas.

³Instrumento geralmente em formato de sineta normalmente utilizado para reverenciar as divindades ou conduzir as danças e os ritos.

⁴Local sagrado que se caracteriza por um degrau onde se localizam as cadeiras, geralmente, do corpo sacerdotal do terreiro. Pode ser também o local onde os atabaques do terreiro moram.

quem dizia também “ainda bem que você veio”, foi o que eu senti no momento. Nessa época eu desconhecia todas essas nomenclaturas referentes a símbolos, espaços e objetos que caracterizam o Candomblé para mim hoje. Mas, eu entendi o que ela quis dizer, pois, Dona Neném, como também era chamada minha avó, nos ensinou como devemos tratar os sonhos. Se sonhássemos com lama, barragem transbordando, enchentes, ou dente caindo, por exemplo, certamente alguém da região morreria. E assim ocorria. Seus olhos e ouvidos eram oráculos na nossa comunidade.

Um dia, depois de acordar chorando muito por ter sonhado com minha mãe, sua filha, falecendo, ela me ensinou a contar o sonho para membros importantes de nossa comunidade e existência, com algumas árvores e o sol. Disse que sonhos como aqueles serviam para nos preparar, para nos ensinar ou indicar algo. Compartilhá-los com outros seres que vivem conosco, canalizam ou encaminham os seus efeitos para o melhor lugar. Desde então não tive mais tanto medo de sonhar, até passei a pedir que isso ocorresse. Na ausência da minha avó, o sonho se tornou uma espécie de oráculo pra mim. De maneira próxima ao que ocorre com os Yanomami, Kopenawa; Albert, (2019). Acreditamos na capacidade dos sonhos de nos preparar para eventos da vida.

Assim, sonhar com minha avó naquele barracão⁵, demarcou o início da minha trajetória dentro do candomblé de nação⁶ para dar continuidade aos cuidados que me foram iniciados e por consequência resgatar o fôlego de uma ancestralidade familiar adormecida. A sua presença na minha imaginação foi o sol que iluminou o meu reencontro com a academia, onde realizo no exercício de pesquisa a missão de resgatar, conhecer e escrever sobre ela, a nossa comunidade rural catingueira e os nossos modos de vida, a partir da nossa religiosidade, ou encantamento. Isso justifica o meu trabalho.

Caboco véi foi simbora! É... Caboco véi foi simbora!

⁵Espaço sagrado onde ocorrem as celebrações públicas no Candomblé.

⁶Faz referência ao fato de que o candomblé é dividido em subgrupos a partir da origem africana de cada um dos segmentos.

Era dezoito de maio de dois mil e nove e as chuvas lá em Caraíbas eram intensas. Tudo que era barragem, açude e riacho estavam sangrando⁷. Para a comunidade isso era um ótimo sinal, já que estamos acostumados a passar anos sem chuvas tão fortes capazes de encher todos buracos. Por isso sofremos com o racionamento de água e executamos com muitos esforços a criação dos nossos animais que são fonte de sustento de muitas famílias como a nossa. Já para a minha avó, que toda vez que chovia trazia sua rede de carreira para minha casa para não dormir sozinha em meio ao toró - aliás eu nunca compreendi tamanho medo-, não era algo tão positivo assim.

Ela saiu de sua casa em Caraíbas para pegar o ônibus que ia em direção à feira na cidade de Macururé-BA. O trajeto até essa cidade, perpassa por um caminho próximo à sua roça. Durante anos, toda vez que precisava ir, pegava este ônibus e descia num ponto mais próximo para, à pé, completar o caminho até lá já que não tinha um transporte próprio para lhe levar até a roça exatamente. Nesta ida, não havia avisado a ninguém além do meu tio, Zé Bagunça, irmão da minha mãe e segundo filho dela - ele trabalhava cuidando dos bichos do seu pai, meu avô e ex marido de minha avó. Para chegar até a roça do meu avô, tio Zé passava perto da roça da minha avó, e então deixou o recado de que ela estava para chegar naquele dia.

No dia dezenove, um homem chamado João da muda que morava lá, veio até Caraíbas avisar à minha mãe e ao meu tio que minha avó não havia chegado. Que estava sumida. Logo ficamos desesperados; minha mãe trabalhava como técnica de enfermagem no postinho da nossa comunidade rural, rapidamente fechou o posto e foi para casa, eu estava em sala de aula e meus amigos foram lá me avisar e logo eu corri para casa também. Chegando em casa, estava meu tio, meu pai, minha mãe e minha irmã mais velha, organizando para seguirem o mesmo trajeto até a roça na esperança de encontrá-la.

Meu pai pegou o carro de sua mãe emprestado para, junto com minha mãe, meu tio e minha irmã irem até lá. O caminho até a roça de minha avó é banhado por alguns córregos e riachos. Chegando no primeiro riacho, a correnteza estava muito forte apesar da chuva ter cessado. O carro não conseguiria avançar. Mas havia uma gambiarra feita com troncos de árvores para as pessoas atravessarem segurando. E assim seguiram, atravessaram o riacho, e foram à pé. No caminho encontraram os moradores da região, os quais a conheciam muito bem,

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

e foram perguntando por ela. Primeiro encontraram uma amiga sua de nome Luíza, depois Silvino Peba, e duas filhas de seu Alexandre, as quais se dispuseram a ajudar a procurá-la. Todos esses a princípio não haviam visto sinais de Mãe Tété. Rodam por todas as veredas possíveis ao redor deste riacho, segundo minha mãe andaram por muitos quilômetros em círculo, pela caatinga fechada, até que anoiteceu e não encontraram nada. Tudo isso causou muita angústia e desespero.

Eu fiquei em Caraíbas esperando junto com minhas irmãs, sobrinha e primos. Já chorávamos desesperadamente. Sabíamos que as chuvas daquele mês eram perigosas, muitos morriam afogados nessas travessias dos riachos, ou mesmo pescando em grandes barragens. Imaginávamos o sofrimento de nossa velhinha, que tinha pavor de chuva, perdida no mato no meio da enxurrada. Cogitamos até ter sido levada pela correnteza do riacho grande, mas não foi.

Na noite do dia dezenove, chegaram em casa minha mãe, minha irmã e meu tio sujos de lama e ensopados. Minha mãe aos prantos, meu tio e minha irmã com semblante meio amarrado mas tentando contê-la.

Mal amanheceu o dia vinte e minha mãe, mesmo sem dormir e comer, pediu a um vizinho que lhe levasse depressa numa moto até a casa de Tia Liinha, uma tia de parentesco distante, mas que ajudou de perto na criação dos filhos de minha avó. Meu tio e minha irmã também foram em seguida. De lá começaram a reunir os amigos de minha avó que moravam na mesma região de sua roça, então encontraram novamente dona Luíza, os dois vaqueiros dela, Salomé, nosso vizinho até hoje, Silvino Peba, Estevão, Florentino e Manoel de Antônio. Dividiram-se em grupos e começaram a procurar de novo. Dessa vez, minha mãe, Tia Liinha, Florentino e seu Manoel de Antônio foram para mais distante do riacho, por dentro mais uma vez da mata fechada, enquanto tio Zé e o restante das pessoas decidiram procurar melhor nas redondezas do riacho.

Minha mãe em desespero gritava pelo seu nome enquanto procurava, mas relembra dizer que sentia que minha avó não teria ido longe, sentia que ela estava próximo ao riacho. Andaram por muito tempo em mata fechada, as pessoas cansaram e pediram para voltar, mas minha mãe dizia que não iria desistir enquanto não a encontrasse. Que se quisessem a deixasse procurar sozinha, não teria problemas. Mas se perder era muito improvável para uma mulher

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

que me ensinava como não se arear⁸ dentro da caatinga, agradando a Katendê⁹ e a caipora. No alto do riacho, não tão distante, tio Zé, Salomé, Estevão e os dois vaqueiros, depois de horas e já perto de anoitecer, encontraram-na no pé de uma árvore dentro da mata fechada, ainda respirando, mas sem esboçar nenhum outro sinal.

Ao ver meu tio, ela riu e chorou em silêncio, como quem agradecia o encontro, mas como quem se despedia também. Ele a segurou no colo enquanto os outros correram até a casa mais próxima, a de Luísa, para pedir socorro, levar algo para ela comer e algo para tirar ela de dentro da mata. Ao seu redor tinham sacolas com pães, doce de goiaba, farinha, feijão, seus remédios de pressão, mas estavam todos intactos, ela não havia mexido. Não havia nenhum rastro seu em direção ao riacho, ou a um córrego que passava mais próximo dela, para quem sabe beber água. Havia uma folha destacada, apoiada sobre um pedaço de pau, que estava escrita com os nomes de pessoas que ela estava devendo, era realmente um presságio. Não parecia areada. Procurou uma árvore para sentar embaixo, para quem sabe esconder dos raios e trovões que tinha tanto medo, esperando sua hora. Ela sabia de cóis salteado como chegar em sua roça, o alto do riacho já era do outro lado, a travessia estava feita. Definitivamente não se perdeu, talvez guiada pelos seus, avistou e encontrou o caminho que lhe esperava.

⁸turvar a consciência.

⁹Divindade do candomblé de nação Angola.

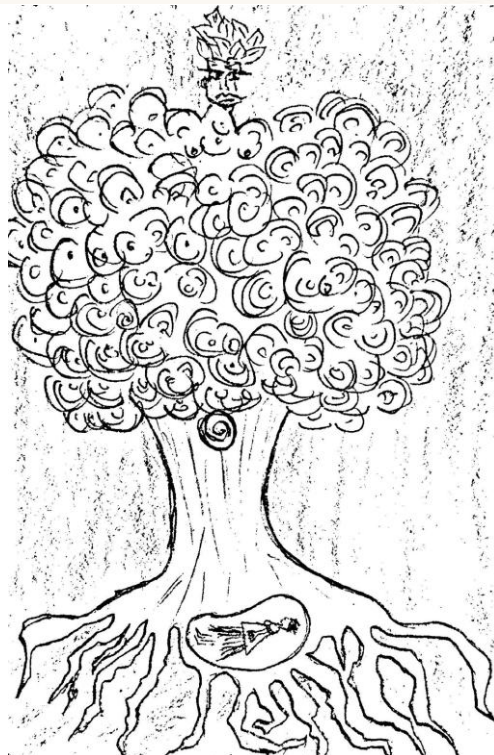
10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ



Os meninos que foram na casa mais próxima, trouxeram leite quente, deram para beber, e pela impossibilidade de carro atravessar o riacho, conseguiram uma rede para levá-la até o outro lado do riacho onde já esperava-se encontrar socorros, já que os meninos também haviam pedido na casa mais próxima para ligarem para caraíbas avisando que haviam encontrado. Amarraram dois galhos, um em cada extremidade da rede, e levaram ela pendurada em seus ombros. Entretanto, quando chegaram do outro lado alto do riacho, Naiara, minha outra irmã, estava esperando com o carro da unidade básica de saúde, mas não havia mais tempo, embora tenha aplicado um soro, ainda na rede enquanto descia o alto do riacho meu tio já dizia que havia escutado os seus últimos suspiros.

Minha mãe já estava voltando em direção ao riacho, ainda à pé, pois mandaram por alguém o recado de que já haviam encontrado mãe Tété, mas que ela estava praticamente sem vida. Assim, veio no carro com Naiara, meu tio, o motorista e o corpo de minha avó. Minha mãe foi buscada de moto novamente. O carro com o corpo e minha mãe chegaram quase ao mesmo tempo em minha casa.

Recebemos aos choros. Não esperávamos, de forma alguma, a partida dela dessa maneira. Três dias, o céu desabando e ela debaixo, na mata fechada. Meu pai e meu tio

arrumaram um banco comprido de madeira para colocar o seu corpo sobre. Eu, minha mãe e minhas irmãs banhamos o seu corpo; eu segurava o balde com água, minha mãe limpava com panos molhados e minhas irmãs enxugaram.

-Porque nos deixou tão cedo, minha mãezinha?

[Murmurava minha mãe enquanto chorávamos todos].

Logo chegaram os funcionários da funerária com o caixão e demais objetos para arrumar o velório. Este ocorreu na minha casa; afastamos os sofás e arrumamos as cadeiras da mesa na parede à direita. O caixão ficou ao meio, deixando apenas um pequeno espaço entre ele e a parede esquerda da casa, onde ficam as portas dos quartos. É uma casa muito estreita, não coube as dezenas de pessoas que compunham nossa família e o seu círculo de amigos e aparentados. Precisamos pegar cadeiras emprestadas nas casas vizinhas para que acomodasse mais pessoas na calçada da minha casa.

O velório começou por volta das nove horas da noite e como de costume entre elas que rezavam o velório, minha tia avó Margarida, irmã de Mãe Tété, já havia posto uma bacia de ágata, com um pouco de água e uma laranja cortada em quatro partes dispostas com casca para baixo e miolo para cima, dentro da água. Dizia-se que era para o finado não feder. As mulheres fazem frente, rezam o santo ofício completo, cantam cantigas de despedida para que o espírito siga o caminho de luz;

“[...] Não pare, siga a diante e não olhe para trás, segura na mão de Deus e vai...”

[cantavam em coro].

As horas se passavam, e não parava de chegar gente que eu desconhecia. Parentes da cidade de Belém do São Francisco-PE, outros amigos de longas datas, todos entravam, choravam um pouco ao pé do caixão, e voltavam para a calçada pois dentro de casa já não cabia mais. Eu, por muito tempo fiquei sentado no chão da calçada. Não aguentava ficar perto da minha mãe e te ver chorar tanto. Por muitos momentos ela esmoreceu, perdeu as forças de andar. Quando sentado na calçada, de frente para a porta, girando meu tronco para olhar para o caixão, sentou numa cadeira ao lado da porta de entrada da minha casa, um velho homem,

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

preto, de barba completamente branca, não tinha uma das pernas, estava vestido numa camisa azul clara e calção verde, no pé um chinelo de couro marrom e solado de pneu. Ele por sua vez não entrou em casa. Apenas inclinou seu tronco sobre a perna, apoiou o cotovelo no joelho e olhou, como eu, para os pés do caixão. Chorou baixinho e repetiu algumas vezes “Cabôco véi foi simhora! É... Caboco véi foi simhora!” num misto de lamento e descrença. Como quem sentiria muita falta, como quem perdia um amigo que foi de toda a vida. Depois disso, dormi. Não tenho memória dele em nenhum outro momento posterior.

No dia seguinte, logo cedo, meu tio e alguns amigos foram ao cemitério cavar a cova para realizar o sepultamento. Minha avó foi levada para a igreja, para que seu corpo saísse de lá para o cemitério. Todos nós a acompanhamos em orações. Minha casa é caminho para o cemitério, quando vamos à pé a passagem pela frente da casa é inevitável. Nessa procissão de levar o corpo em direção ao sepultamento, ao chegar em frente a minha casa, minha mãe mais uma vez esmoreceu e não conseguiu ver nem participar do enterro. Ficou sentada no mesmo banco que banhamos o seu corpo, que dessa vez estava na calçada da minha casa. Eu fiquei um pouco com ela, mas em seguida segui a procissão. No cemitério estávamos nós, familiares, ao redor da cova para depositarmos com nossas próprias mãos as primeiras levadas de terra, para só depois os homens continuarem o procedimento com as pás. Nesse momento, minha irmã mais nova entre as mulheres passou mal em desmaios e foi levada para fora do cemitério, algumas outras pessoas, amigas, entraram para jogar a mão de terra também. Lembro claramente de minha tia avó Margarida, toda de branco, de cócoras, fazendo o mesmo. Chorava, cantava e enterrava ao mesmo tempo. Eu também o fiz, mas logo fui tirado pelo meu pai. Era muito novo para estar ali. Voltei com minha irmã e um rapaz que nos deu carona num carro para de junto da minha mãe. Abraçamo-nos forte e choramos, dali em diante, por dias.

Caboco foi-se embora, dos pés de uma árvore aos galhos de onde alçou vôo rumo à eternidade. Como quem não morre, nem se perde, mas se encanta.

Nas nossas cosmovisões, as árvores são membros responsáveis por alguns modos de encantamento. Quando contamos os sonhos à elas, acreditamos que suas raízes, fincadas no chão e suas copas que dançam com os ventos, operam transformações importantes. Os sonhos quando em forma de mal presságios são transformados e perdem suas forças. Assim, a partida de Mãe Tété, do caule de uma árvore, nos aponta para mais um tipo de transformação. Para além de ter-se tornado um finado, agora, caminhou das raízes até a copa, para dançar com os

10ª ReACT

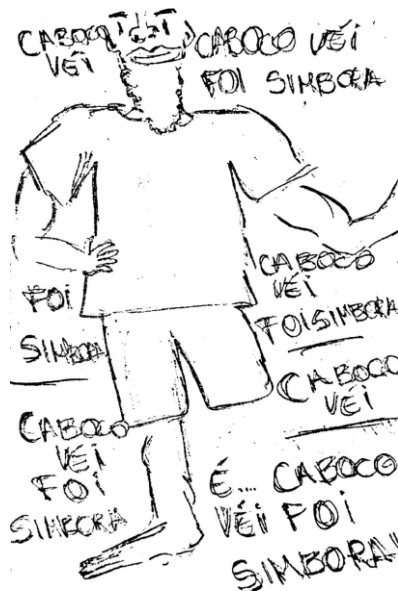
REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

ventos e voltar em nossos sonhos.



A mulher folha

A construção da expressão mulher-folha faz parte de uma imaginação pessoal sobre a forma como minha avó lidava com as folhas, os processos de cura e o seu nome popular - Mãe Tété. Em Caraíbas, a comunidade a reconheceu e a chamou de duas formas: Dona Florência, seu nome de batismo, e Mãe Tété, a qual suspeito ser fruto de sua interação com as folhas e suas práticas de cura. Suas diferentes relações demandam uma forma de tratamento que transita sobre as fronteiras entre D. Florência e Mãe Tété. No decorrer, apresento algumas situações para melhor ilustrar essas transições, narrando o modo como algumas pessoas, que a chamavam por Mãe Tété, falam sobre seus processos de cura e como elas instrumentalizam a minha imaginação para pensar a ideia de mulher folha.

Aliás, os meus olhos de criança também são instrumentos de encantamento. Aqui estou rememorando à medida em que descrevo, as formas como meus olhos enxergam minha avó, minha mãe, as mulheres que me criaram, a partir de suas práticas. Quero materializar a minha imaginação, percorrendo sobre como eu experienciei essas mulheres metamorfosear-se no dia a dia quando, por exemplo, se paramentam para adentrar o mato, quando com uma vara de

frecheiro¹⁰ viram tripas de bode para comermos, quando mijam em pé, tipo cabras, ou mesmo quando amamentam cabritos na ausência de suas mães; A intenção aqui é fornecer ao leitor a lente dos meus olhos para que visualizem quem é a mulher folha e algumas dessas metamorfoses.



Filha de pais conhecidos na região pelos seus saberes sobre as folhas da caatinga e suas *rezas brabas* - Alexandrina Maria da Conceição e Alto Ribeiro dos Santos - minha avó, Florência Maria dos Santos - Dona Florência -, nasceu em 1933, na fazenda do Engenho, pelas mãos de uma parteira a quem chamavam de Mãe Tomásia.

O Vêi Alto e Mãe Lixanda, como eram chamados os pais de minha avó na comunidade, viviam da criação de cabras e porcos. Feirantes de Macururé-BA e Chorrochó-BA se embrenhavam na caatinga até o Engenho para comprar essas criações e revendiam em suas feiras nas cidades. Mais tarde, quando eles morreram, minha avó e minha mãe continuaram com a criação de cabras, mas sob outros modos de se relacionar com os bichos. O comércio dessa vez não é o objetivo. A criação de cabras em minha família, desde que meus avós assumiram tal atividade, se caracteriza pela nossa biointeração, onde a cabra é parente, o cabrito

¹⁰Um arbusto da caatinga.

enjeitado é filho e, portanto, meu irmão, ou mesmo a garantia da vida de uma pessoa. Minha mãe inclusive, dá nome aos seus filhos cabritos. Quando algum deles se perdem da mãe no meio do mato, opera-se uma busca contínua. Ela escuta o *berro* e diz - *Esse bichinho tá perdido. Dá pra saber pelo berrado*. Isso às vezes envolve ser auxiliado por boiadeiro enquanto se busca. Em um desses ocorridos, ela me disse que minha avó é quem sabia pedir a boiadeiro para então encontrar as criações perdidas ou roubadas. De outra forma, quando a mãe de um deles morre e todas as outras cabras paridas do chiqueiro o rejeitam, ela assume o lugar da mãe. Amamenta todos os dias até que cresça e se torne mais autônomo. Brinco com ela chamando - a de Cabra e ela, por vezes me chama de seu cabrito.

Conversando com minha mãe perguntei se ela já havia presenciado alguns processos de cura dos meus bisavós e se eles eram muito procurados para isso

- Ele era coincido pelas reza braba, Valter. Não lembro de muita coisa, mas quando eu era pirralhinha ainda teve um surto de feridas nas bocas do pessoal do Pajeú¹¹ e de Genésia ali do Feijão¹². Era com as crianças, os bichinhos tavam com as bocas cheias de ferida, não mamavam, não comiam, tavam tudo assim mei desnutrido. Aí o povo dizia: tem que levar no Vêi Alto e Mãe Lixanda, eles sabem rezar nisso aí. Aí levaram, e eles rezaram, passaram os remédios, as garrafada, só sei que os menino curaram. Aí era assim, o povo procurava vovô pra essas coisas. Dizia ele também que rezava pra apagar o fogo de uma arma de fogo diante dele. Dizia que bala num pegava hahahah vovô era engraçado.

Mãe Lixanda também, do mesmo jeito. O povo confiava nela pra pedir qualquer coisa. Ela num sabia ler nem escrever. O povo de São Paulo, uns parentes da gente, mandavam cartas pra ela, as cartas chegavam no Macururé e o agente de saúde levava pra ela. Eu chegava lá ela tava com as cartas na mão, pedindo pra eu ler. Quando eu lia era o povo dizendo que tava sendo perseguido, brigavam por lá, se envolviam em muita coisa errada e mandavam as cartas pedindo pra ela fazer alguma coisa pra livrar os inimigos dos caminhos deles. E ela fazia! E ela ainda mandava eu copiar as rezas pra mandar pra eles rezarem lá de São Paulo. Lembro até hoje. Tinha até aquela reza de Meu Jesus de Nazaré. Quando era dezembro, que vinha alguém de São Paulo pra região, esse povo mandava mala de tecido, de

¹¹ Comunidade rural que carrega o nome do riacho que lhe banha.

¹² Comunidade vizinha à comunidade de Caraíbas.

roupa, agradecendo pelas reza e pelas coisas.

Minha avó cresceu nesse arranjo, mais próxima à Mãe Lixanda. Aprendeu tudo que pôde com ela, inclusive a costurar, a tirar ripas de facheiro e casca de angico¹³ para vender e garantir seu sustento. Criou minha mãe, meu tio, os cachorros, as galinhas e as cabras com o que arrecadava dessas atividades e da lavagem de roupa, até que se aposentou. E ainda assim continuou tirando ripas e costurando quando necessário. Para além de ter adquirido conhecimento sobre as folhas, as rezas e as curas que seus pais lhes deixaram de herança e que ela levou por toda a vida.

Teve três irmãs com quem dividiu boa parte da vida: Maurícia Maria Xavier, Expedita Maria da Conceição e Margarida Maria da Silva, sendo a última, uma de suas principais companhias no curso da vida e trajetória religiosa. Florência, movida pela fé nas águas, nos bichos, nos encantados, nas divindades e nas folhas, se revelou uma devota de *Katendê*. Minhas memórias de infância me ajudam a guardar a sua imagem com um cachimbo, no quintal de sua casa, onde moravam as galinhas, seus cachorros Bruk e Wait, suas plantas e um grande pé de seriguela, que eu vivia pendurado. Toda vez que mexia com esse cachimbo, ou com fumo falava de Katendê. Que era para Katendê, quando não, era para a Caipora. E ela nem fumava. Seus cachimbos pertenciam a suas entidades e, ou, divindades..

Em 1958, segundo minha mãe, Dona Florência iniciou um namoro com um primo distante chamado Aurelindo Ribeiro Dos Santos, carinhosamente chamado por nós, netos e bisnetos, de Vovô Léro. Este era um vaqueiro que sempre morou na fazenda Riacho da Tranqueira, vizinha da fazenda Engenho e Riacho Grande. Se autodenominava caboclo, também conhecedor de ervas e de *rezas brabas*, como a reza para curar picadas de cobra. Sua relação com este caboclo culminou em dois filhos: Minha mãe, Nazaré Maria dos Santos, e meu tio, José Inácio Santos e Santos. Ambos nasceram pelas mãos de outra parteira chamada Vicença, na fazenda Engenho.

Vovô Léro, vaqueiro independente, tinha uma pequena criação de cabras e uma roça pequena de feijão, jerimum e melancia. Gostava muito de carne de bode frita com farinha acompanhada de uma Pitu ou 51. Sua casa, era miúda também e o seu lugar de descanso era sempre na rede pendurada nos caibros da cozinha, ao lado do pote de água e de uma mesa

¹³Árvore comumente encontrada na caatinga.

redonda de madeira onde ele deixava seus couros curtidos pra fazer gibão, chinelo, e outras vestes de vaqueiro. Apoiava também o seu rádio de pilha, onde ouvia vaqueiro aboiar. Essas atividades garantiam seu sustento, junto a aposentadoria, na alta idade. Mas quando jovem, sua vida era campear. Ganhava bezerro, cabritos, galão de leite, couro curtido, espingarda, tatu, por cada boi que capturava dentro da caatinga e devolvia pros patrões.

Contudo, quando ganhava dinheiro, se recusava compartilhar com minha avó. Não ajudou muito na criação de minha mãe e meu tio. O dinheiro era sempre para raparigar às terças-feira, na feira da cidade de Macururé. Este foi o motivo, inclusive, que minha avó decidiu se separar dele e mudou-se para o povoado de Caraíbas. Lá tinham escolas onde minha mãe e meu tio poderiam estudar.

A casa da minha avó foi cedida por uma sobrinha que desde novinha mudou-se para São Paulo em busca de emprego. Matilde, chamada por nós de Tia Tida. A casa fica na rua da antiga quadra, que hoje é a Unidade Básica de Saúde, tinha um pé de castanhola ou amêndoas na frente. Tem uma pequena área e um quartinho onde meu tio guardava sua bicicleta e seus materiais de serviço, pois é pedreiro. Depois dessa área, vem a sala, com um sofá pequeno, vermelho, uma rede verde quadriculada pendurada em tornos chumbados nas paredes. Uma estante de madeira quase branca apara inúmeros porta retratos com fotos de familiares, do seu prefeito, jarros com flores artificiais, e algumas imagens de santos católicos amarrados de fitas de cetim, indicando cada uma, uma promessa realizada. Ainda na sala, na parede esquerda ao lado do sofá, uma porta com uma fechadura improvisada por ela dá entrada ao seu quarto. Aliás, nenhum de nós, netos, entrávamos lá. Não me recorde de ninguém atravessar aquela porta, na verdade. Ela não deixava. A gente até via duas camas de solteiro e uma mesinha de madeira. Sobre esta mesinha tinham imagens de alguns santos, caderno, suas velas, terço, rosário, fios de conta, e algo que me marcou muito: seu perfume, cuja embalagem era uma sereia, com a tampa em forma de coroa.

Ela dormia em uma das camas, e na outra, minhas irmãs diziam para me amedrontar, dormia o espírito de uma velha amiga dela. Em baixo dessa cama havia uma mala de couro, onde ela guardava seus documentos, uma suposta arma e algum dinheiro.

Quando jovem, minha avó não gostava de beber e farrear. Sempre foi contra bebidas alcoólicas. Segundo minha mãe, a fase da adolescência, em suas épocas, durava muito tempo. Muitas vezes, com dezoito, dezenove anos, ainda era comum meninas brincarem de bonecas

como se fossem crianças. Minha avó foi uma dessas. As diversões eram brincar no mato, tomar banho nos riachos, fazer bonecas de tecido e preenchê-las com algodão. As mais velhas sempre levavam a minha avó e as suas irmãs para ajudar a rezar os velórios, a cantar e dançar São Gonçalo e para a tradicional procissão ao redor da pedra na Fazenda do Timtim. Aliás, este era o lugar onde tinha, ao final das celebrações, festa, bingo, leilão, que os pais de minha avó permitiam que ela participasse. Como ela dizia, *não bebia e nem gostava*, mas dançava forró como ninguém.

Os anos se passaram, e minha avó em sua maior idade se revelou uma apaixonada por política. Para além de peregrinar pelas festividades religiosas de toda a região, não perdia um comício dos prefeitos que ela apoiou. Humberto Gomes, ex -prefeito de Chorrochó, foi o mais recente. Presenciei minha avó brigar com minha mãe porque ela tinha mandado pintar a lateral de sua casa com o rosto e as cores da campanha de Humberto e minha mãe, meio inconformada com o fanatismo de minha avó, discordava e quis apagar. Minha mãe se preocupava com ela, do alto de seus cinquenta, sessenta anos, subindo em carroceria de carros e balançando bandeiras no meio de passeatas na BR 116 em direção a cidades vizinhas como a Barra do Tarrachil-BA. Aliás, o prefeito tinha uma consideração genuína por ela. Era seu único voto em nossa família, e mesmo assim fazia valer a pena.

Com ânsia de saber mais sobre sua trajetória e vida religiosa, passei a recuperar memórias de suas práticas religiosas por meio de vivências no cotidiano da minha casa em Caraíbas, Chorrochó- BA, junto a minha mãe.

Debaixo de um pé de algodão, que minha avó plantou no quintal de minha casa, minha mãe montou uma fogueira com tijolos, lenha e colocou um caldeirão de água para ferver. Neste dia, havíamos matado um bode para comer. Um quarto do bode foi para a família do meu tio, os outros dois para as famílias de minhas irmãs, vizinhas de minha mãe. Nós, de casa, ficamos com um dos quartos e o fato¹⁴. Desde pequeno eu gosto de observar e ajudar minha mãe a virar tripas de bode. Ver o avesso do avesso, ou o avesso do interno do bode encantava meus olhos.

¹⁴Conjunto de vísceras.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Minha mãe, com as varas de frecheiro na mão, tratava as tripas como quem enlaça um novelo de linha fazendo uma peça de crochê. Eu, do lado, com um balde de água e bastante sal esfregava as tripas como se estivesse esfregando as golas de minha camisa da capoeira, como ela me ensinou. Faço movimentos repetitivos, vou trocando a água com sal por diversas vezes até minha mãe dizer chega, o que demora um bom tempo. Enquanto isso, ela, com sua destreza, destrincha mais vísceras; abre um órgão que chamamos de livro e limpa cada uma de suas pregas, que parecem páginas. No caldeirão de água que já fervia, coloca o bucho para esquentar e amolecer os tecidos e texturas que o revestem. Numa das galhas do pé de algodão, onde há um gancho mais resistente, ela pendura o bucho, estica com uma mão e com a outra, segurando uma *peixeira* amolada pelas costas da lâmina, raspa o bucho por um bom tempo. Mergulha de volta na água fervendo e repete a raspagem por várias vezes até que ele fique lisinho e branquinho.

Atividades como essas são sempre cheias de história. Minha mãe, que já tem fama de conversadeira e contadora de histórias, não me deixa sem ouvir uma nunca. Neste dia, falamos de sua mãe, minha avó, e como de costume nos emocionamos. Minha mãe dizia, enquanto raspava o bucho, que - *mainha era uma mulé boa! Eu puxei foi a ela, se puxo ao véi Léro eu tava lascada. Ela que me ensinou a tratar um fato. A bicha já tirou couro de bode com caco de vidro hahah a veinha não era brincadeira não.*

Perguntei se, no terreiro que minha avó levou ela quando criança, ela mexia com essas coisas também. - *Eu mexia, mas era pouco. Eu aprendi foi aqui dentro de casa mesmo. Tratar galinha de capoeira, retalhar um bode... Tudo aqui com minha mãe.*

Ainda curioso, quis saber mais sobre o que ela fazia lá. E então ela me revelou algumas coisas que enchem seus olhos de lágrimas. - *Mainha era média, médiu, sei lá como chama. Ela tinha uns caboco, tinha um que eu cantava que era assim: Ô lê seu boiadeiro mora lá no gravatá, sua vida é cortar pau, beber mel e chupar ingá (2x) Boiadeiro ê, boiadeiro ah, trago meus arreio e minha corda de laçar, trago meus arreio novo êh, ah, minha corda de laçar, Êh Ah!*

Aí ele cantava de vez em quando: seu boiadeiro por aqui choveu, seu boiadeiro por aqui choveu, choveu que água rolou, foi tanta água que meu boi bebeu, foi tanta água que meu boi nadou. Eu me acabava de chorar!

Nesse momento ela já estava chorando. Até hoje, sempre que lembra, se emociona. Disse

também que minha avó ainda recebia seu *Tupinambá*¹⁵ e que foi uma mulher que se cuidou, à medida em que pôde, com um antigo rezador da região do município de Juá, em Paulo Afonso-BA: Pai Vítor.

Em fevereiro de dois mil e vinte e cinco, numa visita à fazenda Timtim, próximo a este município, conheci D. Paulina, viúva de um primo da minha avó, que do alto dos seus oitenta anos ainda rememora algumas das andanças de Laurentino, seu falecido marido, junto com a sua prima D. Florência até a roça de *cumpade Vítor*. Ora chamado de rezador e ora chamado de Pai de Santo, D. Paulina me diz que ele era dono de um terreiro onde D. Florência e Aurelindo frequentavam para trabalhar com seus guias e encantados.

*- Ela mais Aurelindo num saíam de lá. Era de repente! As veis eu tava aqui varreno o terreiro de casa e ela chegava a pé me chamando “Cumade, ô cumade, cadê meu irmão? ta aí?”. Se ajeitchavam ligeiro e caíam na banda do mundo pra essa roça de Víto. Até hoje eu tenho aqui no quartim dos santos as contas dele que ele levava pra lavar, a bata, e o cordão de São Francisco*¹⁶. *Tem o dele e tem o meu que eu merma fiz.*

Neste mesmo dia, encontrei com uma prima de minha mãe, minha Tia Maria, filha de Maurícia, irmã de minha avó. Ela, assustada, dizia que eu cresci muito, virei homem, e estava lindo. Enquanto voltávamos da casa de D. Paulina, comentei com ela que eu estava querendo saber mais informações das andanças de Mãe Tété por aquelas terras. Ela logo disse, saudosa, que se pudesse teria andado mais junto a ela. Não tinha chamado de Mãe Tété que ela não atendesse.

- Eu andei muito com minha tia. Ela me ligava, eu lá no Belém do São Francisco, ela me ligava “Minha fia? Venha passar uns dias comigo que nós vamos ali no mato, passar na casa de Vitor”. Eu não pensava duas vezes. Descia de lá pra cá, pegava balsa, atravessava o rio São Francisco, chegava na Barra do Tarrachil, pegava carona até Macururé e de Macururé vinha andando até aqui no Tintim. Teve um dia que tava eu, ela e Zé de Sabino, indo pra não sei onde e Mãe Tété era teimosa. Pense numa véa teimosa. Queria pegar uma carona com esse zé pra descer no meio da rodagem não sei pra quê. Era sempre assim, mas eu

¹⁵Divindade afro-indígena comum em manifestações religiosas Afro-brasileiras.

¹⁶Um cordão trançado artesanalmente e que serve como símbolo de proteção espiritual, conexão com o sagrado. Alguns dados mostram que este acompanha a pessoa que o possui até o seu sepultamento.

confiava e sempre seguia. Chegamos na casa de um parente de Zé de Sabino, descemos do carro, e mãe Tété disse: “Agora a gente vai a pé minha fia”. Zé de Sabino disse: “Não sei pra que vocês querem andar a pé. Não vão pela estrada de baixo não, vão pela de cima que é melhor pra vocês”. Na hora que o homem montou no carro e foi simhora, ela virou e disse: “Minha fia? Vamos por baixo mesmo, pelo riacho da tranqueira. Trouxe carne de bode seca, farinha e rapadura. A gente vai andando e se cansar a gente para pra comer e depois segue”.

Minha tia me conta que elas foram andando pela estrada e não demorou muito para avistarem um umbuzeiro carregado. E, como é característico no mato da gente, um umbuzeiro nunca está sozinho, ao seu redor terão pelo menos uns três. Elas foram então catando umbu, de umbuzeiro em umbuzeiro, enquanto entravam cada vez mais na mata fechada. Minha avó, sempre ativa, ainda subia nas galhas dos umbuzeiros, assim como subia noutras árvores para tirar comida para as cabras, ou colher cascas para fazer remédios. Quando criança, inclusive, sempre a vi encostar nas plantas que são remédios e comer um pedaço, às vezes mascava o fumo com um pouco da casca de alguma árvore. Nesses momentos, minha cabeça e olhos de criança lhe enxergavam como essa mulher folha, capaz de virar uma dessas árvores também.

- *Quando pensei que não, vi um bode todo retalhado pendurado nas galhas de um umbuzeiro mais distante. Parei e avisei a Mãe Tété. Ela mandou fazer silêncio, pra ver o que era e pra ninguém ver que nós estava ali. De repente pulou de cima do umbuzeiro o finado Longuinho com um negócio desse tamanho na mão. Não deu tempo nem de ver se era um cacete, uma espingarda, sei que a gente correu que nem bala pegava. Ele enrabou em nós, como quem queria matar. Todo mundo sabe que ele não prestava mesmo. A gente se escondeu de volta na casa do parente de Zé de Sabino, pouca hora depois Longuinho chegou na porta perguntando por duas mulé que ele viu correndo na rodagem como se tivessem perdidas. O dono da casa disse que não tinha visto ninguém. Aí sei que Longuinho sumiu na banda do mundo, e na hora que ele sumiu Mestre Ronda panhou sua avó e jogou ela lá fora no meio do terreiro, deu uma pêa nela e dizia assim: “Você não sabia que não era pra ir por essas estrada? Passou de morrer”. Eu chorava, chorava... Quando conto chega me arrupio. Meu filho, sei que eu envelheci com ódio desse homem. Todo mundo sabia que ele era estrupador e ladrão. Vendia droga, roubava bode, fazia tudo que não presta. Quando seu tio paquerava Judite, ele também era doido por ela. Numa seresta, seu tio dançando com Judite, ele chegou por detrás e deu a facada no seu tio que as tripas ficaram pra fora. Mãe Tété e sua Mãe que*

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

foram de pau de arara até Belém com seu tio. Sua mãe amarrou as tripa pra dentro e enrolou seu tio numa rede até chegar lá. Mas todo mundo já dizia que seu tio ia morrer. Por isso também que sua avó tirou a cachaça de seu tio. Ele bebia demais, vivia nas farra e o que sobrava era confusão pra ele. Quando eu soube que mataram ele [Longuinho] lá na fazenda, eu desci correndo de Belém até Chorrochó pra olhar dentro da cara dele no caixão. Toma fi da peste!

Boiadeiro, Tupinambá e mestre ronda eram presenças na vida de minha avó. Eles fazem parte das memórias de quem conviveu com minha avó.

Quando mais jovem, fui ensinado por minha mãe a cortar o cabelo para que eu cortasse o dela. Minhas irmãs que sempre alisavam seus cabelos também me ensinaram a fazê-lo para que eu as ajudasse. Com o passar do tempo, uma de minhas irmãs abriu um pequeno salão no fundo de sua casa. Lá eu ajudei ela a cuidar dos cabelos de suas clientes. Hoje em dia o salão não existe mais, mas os equipamentos ainda estavam lá. Toda vez que eu retorno pra lá no período de férias, sempre mexo nos cabelos de meus parentes. Dessa forma, num dia desses, enquanto escovava os cabelos de uma prima de minha mãe, de nome Rita Ribeiro, questionei sobre seus contatos com minha avó. Ligeiramente ela respondeu

Mãe Tété? Avemaria! Ali já me levantou muitas vezes. Eu adoecia e corria pra ela. Quando pari Reginho, era a mesma coisa. Ele não podia dar um peido que eu corria pra Mãe Tété pra pedir ajuda pra curar meu filho hahaha ela só dizia: “você é muito agoniada minha fia.”

Jozeane, dona de um bar na beira da pista e vizinha de minha família sempre me foi próxima e tratou com carinho. Ainda nesses dias de férias, quando o sol se punha, a gente saía para a frente de casa pois é o momento que faz sombra do lado da rua em que moramos. Ela mora três casas depois da minha. Quando coloquei a cadeira de balanço na porta, ela estava passando do bar para sua casa, fumando um cigarro.

-Bora tomar um café lá em casa, amor? Quero que você faça um negócio pra mim no meu celular. Ela sempre me solicita para lhe ajudar com algumas dessas funções; fazer transações de dinheiro, mexer em redes sociais, comprar produtos de cabelo nos pela internet,

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

mas também me solicita quando quer somente conversar, faz parte de uma família grande. É uma entre quatorze irmãos, cada um com alguns filhos. Talvez Jozeane seja a única com apenas dois. Alguns deles já passaram pelos cuidados de minha avó, incluindo ela e seu filho mais velho. Em dado momento ela me perguntou: *Você não vem mais morar aqui não?* Eu disse que não sabia. *Talvez, sim.* Mas, que sempre retornaria a conquista por conta das minhas relações com o terreiro que sou filho.

- *Ôh!! Ta seguindo do mesmo jeito de Mãe Tété. Você não tem medo não? Eu tenho medo, Valter. Você tem Pombagira? Eu tenho certeza que eu tenho um negócio assim. Se eu contar ninguém acredita, mas eu sinto tudo. Sinto quando as coisas ruins vão acontecer e sinto também que sou muito protegida. É por isso que eu nem vou pra Igreja. Tenho medo de incorporar igual suas tias [risos]. Mas Mãe Tété já me chamava pra ir, eu acho que ela sabia que eu tinha alguma coisa. Mas eu não tinha coragem, quando precisava de alguma coisa ela fazia por mim de onde ela estivesse. Ela já rezou muito em Maciel, quando batia em mãe, que ela dizia que ele ia virar bicho. Hoje tá aí, morre mas num morre.*

Essas narrativas e memórias compartilhadas sobre a minha avó apontam que o fato de ela ser chamada por Mãe Tété, sobretudo por aqueles que passaram, direta e indiretamente pelos seus cuidados, implica também uma relação que atravessa ela e alcança seus espíritos e encantados. Por outro lado, o modo como minha avó nos educava para atentar à caatinga, fosse escolhendo árvores para contar os nossos sonhos, colhendo umbu, criando cabras, tirando facheiro, ou agradando Katendê com o fumo nos ajuda a pensar em relações mais que humanas e multiespécies. Haraway (2016) nos provoca a fazer parentes, ao invés de bebês. Compreendo que minha avó já se aparentava com outras espécies e mediava relações entre humanas através dessa forma de fazer parentes.

As suas dezenas de afilhados também a chamavam de Mãe Tété. Esses afilhados estavam intimamente ligados aos seus cuidados com a comunidade, que lhe geravam algumas relações de compadrio como retribuições. Entendemos que a filiação da criança é uma forma de retribuição.

A caatinga é, assim, um lugar de constantes transformações, por isso, ambiente propício para imaginarmos e vivenciarmos metamorfoses. Através dessas relações é que vamos nos relacionando com o lugar e com o encantamento. Há quem seja bom de perceber isso, como mãe Teté. Dentro dos encantamentos possíveis, quero, na seção seguinte, chamar atenção para

uma modalidade de encantamento, cujas investidas de minha avó muitas vezes tentaram evitar: o ato de virar bicho. Também observo, ligeiramente, como as pessoas que se tornam finados continuam, em alguns casos, a transitar nos lugares, reivindicando coisas, abrindo caminhos para pensarmos sobre como o diálogo com esses seres se torna possível.

Virando bicho

Maciel, irmão de Joseane, sempre foi meu vizinho. Costumava beber pinga todos os dias. Brigava por qualquer motivo e sempre ameaçava as pessoas de morte. Andava com faca na cintura de modo que todos temiam a ele quando estava em águas (bêbado). Muitas foram as vezes que acordei na madrugada com Joseane chamando a gente pedindo socorro pois ele estava em surto, querendo bater nos pais. O motivo eram sempre os mesmos: os pais não davam dinheiro e nem deixavam ele pegar sua moto para dar cavalo de pau¹⁷ na pista, como era de costume. Em algumas dessas brigas, suas irmãs diziam que tinham medo dele matar qualquer um dos familiares, pois, até bater na mãe ele já havia batido.

Com o tempo, os cuidados de minha avó passaram a ser solicitados para tentar tirar dele o hábito do alcoolismo e a fúria de tentar bater, ou matar os seus parentes. Mas, muitas vezes, se aproximar dele não era possível. Ele tinha coragem de ferir qualquer um. Segundo minha mãe, minha avó ainda tentou fazer o mesmo que fez com o meu tio quando precisou fazer ele abandonar o hábito de beber, mas disse que, com Maciel, era diferente. Não tinha reza que desse jeito. Se ele continuasse assim, ou viraria bicho ou sofreria um castigo severo.

Dona Solange, outra rezadeira conhecida na região, também foi procurada para cuidar de Maciel, mas uma condição posta por ela era que ele fosse até a sua casa e dormisse alguns dias para tomar banhos e passar por alguns outros cuidados, mais uma vez, a proposta não foi viável. Ele era de fato difícil de convencer. Minha avó dizia que ali era só o tempo pra tirar.

Os anos se passaram, eu cresci, os pais de Maciel envelheceram mais e ele continuou com as suas mafeitorias. E entre acidentes de moto, brigas na rua, brigas em casa, um dia, enquanto acordava de uma cachaçada, gritou por sua irmã, que chegou correndo em minha casa pedindo socorro à minha, mãe que na época ainda trabalhava enquanto técnica em enfermagem: - *Madinha, madinha! Maciel acordou ali todo mijado, ta tentando levantar e não consegue, tá*

¹⁷Manobras perigosas.

com um lado do corpo paralizado. Minha mãe socorreu mas, pela gravidade, o correto foi levar para o hospital em Chorrochó. Lá ficou internado por dias. Não teve diagnóstico, mas os movimentos do corpo foram voltando gradativamente, com exceção dos movimentos das mãos. Esses ficaram comprometidos. Mesmo assim, retornou para casa e ficou sob observação médica.

Minha mãe, junto às suas irmãs, rememoravam as investidas para Maciel não virar bicho, mas não teve jeito. Suas irmãs dizem até hoje que esse episódio, junto aos outros que se seguiram, foi de fato a resposta aos atos violentos contra os seus pais.

Aliás, bater na mãe era um dos motivos centrais para que as pessoas se transformasse em bicho. - *Eu tava lavando os prato no giral¹⁸ ali no quintal de casa. Antigamente era cerca, não tinha o muro ainda. Quando pensa que não, um bezerro botou a cabeça por cima da cerca de casa como quem vinha me cheirar. Quando eu gritei e tangi o bezerro, Finado Bibiu morava aqui atrás de casa, ouviu e correu perguntando o que era. Eu disse que era um bezerro bem estranho que tava botando a cabeça aqui pra me cheirar. Bibiu correu pra procurar esse bezerro e não achou. Perguntou como era, eu disse que tinha as ponta e tinha até bigode, ele disse logo: oxe minha irmã véa, aí é Tomás que disse que tá batendo na mãe e começou a virar bicho.*

Daí em diante, minha mãe passou a vigiar seus passos e os de minhas irmãs que ainda eram crianças. Diz ela que quando tem alguém na comunidade que está virando bicho, os principais sinais são os porcos da criação sumindo e aparecendo depois todos destroçados, os cachorros e as crianças é que enchem os olhos dos bichos. Outro dia, no quintal de casa, ouvimos um barulho muito estranho na madrugada. Minha mãe suspeitava que eram os porcos furando nossa cerca para comer a lavagem que juntamos. Mas não saiu pra ver. Como moramos em beira de pista, nunca saímos para ver quando coisas como essas ocorrem, de uma última vez, na madrugada, um grupo de homens armados invadiram o restaurante vizinho a nossa casa e mataram o dono com dezenas de tiros, em seguida fugiram ilesos pela BR 116. Mas no primeiro cantar do galo, minha mãe saiu pra ver e lá estava o estrago: Um bicho havia comido metade do nosso cachorro que não tinha nem um ano de idade ainda e que dormia no quintal

¹⁸Estrutura de madeira, coberta com telha, lona, palha, ou qualquer coisa que faça sombra. Sobre ela fica uma pia para lavar pratos e arrear panelas que vão no fogão a lenha.

quando ouvimos a barulheira. Ele estava com metade do corpo toda roída, mas só vimos quando minha mãe o revirou. O bicho que o comeu, cavou um pequeno buraco e tentou enterrá-lo. Deixou apenas a parte não ferida para o lado de cima da terra.

Minha avó já dizia que duas coisas evitariam a nossa transformação em bicho, ou salvaria nossa vida de alguma forma: Não bater na mãe e ser batizado. Lá em casa todo mundo foi batizado antes dos sete anos de idade. Para além disso, o banho de garapa e a fita vermelha no braço eram modos de nos proteger de eventos como esses. Outro dia, quando Caraíbas fervia em calor, decidimos todos dormir no chão da cozinha, com as portas abertas para que os ventos da noite nos refrescassem. Principalmente pelo fato de que tinha uma sobrinha minha recém nascida, toda cheia de dobras, e estava chorando muito a noite por conta do calor.

Colocamos nossos colchões da porta da cozinha até o centro da sala. Minha casa até hoje não tem divisão entre cozinha e sala. De repente, algo passou por cima da coberta fina que nos protegia das muriçocas. Minha mãe sacudiu rapidamente suspeitando da presença de ratos. Dizendo: *Temos que botar mais venenos, se não...* Não se passaram dez minutos e minha irmã já gritava assustada que havia uma cobra preta dentro do mosquitoireiro, junto a ela e a minha sobrinha recém nascida. Levantamos, acendemos as luzes e chamamos meu pai para matar a cobra. Minha avó, no dia seguinte, chegou em casa para ver sua neta, como era de costume. Contamos o ocorrido e ela disse - *Oxe, é a cobra Muçurana. Ela vem pra mamar do peito da mãe e pra colocar o rabo na boca da criança, a criança mama suas fezes que são venenosas e morre. Eu já falei pra vocês que essa menina tem que ser batizada, vocês ficam brincando com criança pagã dentro de casa!*

Nesses casos entendemos que, na nossa comunidade catingueira, bater na mãe e ser pagão são condições que nos colocam diretamente em contato com dois aspectos da encantaria: ou viramos bicho ou somos possíveis alvos de quem vira. Transformar-se em bicho, aqui, é de fato deixar de existir numa condição humana, para assumir outra. Isso nos aponta ao fato de que na caatinga, as formas de habitar o lugar transbordam os limites da racionalidade moderna e portanto os modos de vida ocidentalizados. Habitamos o lugar compreendendo sua complexidade a partir de diálogos que não se esgotam na linguagem oral nem em aspectos visuais. O invisível, o encantado, o silêncio, as águas, as pedras, os bichos, os animais, as árvores, os espíritos, as divindades e entidades, os finados, falam conosco diretamente por meio de nossas crenças e de outros sentidos.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Ao longo deste texto, ensaiei apresentar um pouco da história de Mãe Teté, contando com a presença de seres mais que humanos que nos ajudam a povoar o nosso chão. Assim como experimentei transpor em linhas um pouco da encantaria, das metamorfoses e ou transformações que, dão sentido e tornam os nossos modos de vida um tanto particular, diante ou distante de um mundo racional e ocidentalizado. Tentando provocar o leitor, inclusive, a observar o encantamento como forma possível de enxergar outras formas de conhecer e viver no mundo.

Assim esse trabalho se realiza por confluir com a caatinga das zonas rurais de Chorrochó, sobretudo a microrregião que abraça a minha comunidade. Ela se apresenta aqui como um lugar encantado, onde nossas formas de viver são quase sempre afetadas por um finado, uma entidade, um finado que se encanta, um bicho, uma metamorfose ou transformação. Viver neste lugar, sob estas relações e arranjos, é um eterno encantar-se, ou transformar-se, para que os fins nunca se instaurem.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

REFERÊNCIAS

HARAWAY, Donna. Antropoceno, capitaloceno, plantationoceno, chthuluceno: fazendo parentes. *ClimaCom Cultura Científica*, v. 3, n. 5, p. 139-146, 2016.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Editora Companhia das letras, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, Quilombos**: modos e significações. Brasília, 2015.
